

**O LUGAR DA METANOIA NOS CONFLITOS DE RIVALIDADE ENTRE OS GÊMEOS PEDRO E PAULO, EM *ESAÚ E JACÓ***

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Generosa Ferreira Souto  
 Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

**Resumo:** Este texto propõe discutir o conceito de Metanoia no espaço literário de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, enquanto lugar de trânsito nos discursos da rivalidade entre irmãos gêmeos, que se traduzem entre muitos outros rivais do imaginário. Diante da fragmentação da vida dos gêmeos Pedro e Paulo, os espaços são fundamentais para a construção e solidificação das identidades de ambos, que se alimentam da raiva e da inveja, para se edificarem o fenômeno da metanoia.

**Palavras-chaves:** *Esaú e Jacó*, Rivalidade entre irmãos, Metanoia

**Abstract:** This text proposes to discuss the concept of Metanoia in the literary space of Esau and Jacob, Machado de Assis, while traffic in place of the rivalry between twin brothers, that translate between many other rivals of the imaginary. Given the fragmentation of life of twins Peter and Paul, the spaces are fundamental to the construction and consolidation of both identities, which feed the anger and jealousy, to build the phenomenon of metanoia.

**Keywords:** *Esaú e Jacó* - Rivalry between brothers - Metanoia

Esaú e Jacó brigaram no seio materno, é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito.

(Machado de Assis)

Este texto faz parte da *Pesquisa Rivalidade entre irmãos*, que desenvolvo no Grupo de Estudos Literários, na Universidade Estadual de Montes Claros – a Unimontes. Por isto, entramos no espaço de *Esaú e Jacó*, enquanto lugar de trânsito intrigante nos discursos da rivalidade entre irmãos, que se traduzem dentre muitos outros rivais do imaginário.

A análise centraliza-se em torno dos gêmeos, protagonistas da história, ao redor de quem a narrativa se instaura e se constrói. Partiremos da fragmentação conturbada da vida de duplos, Pedro e Paulo, da paixão triangulada, signo fundamental para se verificar se ocorre o fenômeno da *metanoia*, termo junguiano, que se traduz como mudança de caráter, posto que

as *personas* se alimentam continuamente, desde o útero materno, da raiva e da inveja, para se edificarem, como texto da cultura.

Fazer um percurso pelo tema do duplo, da alteridade, do desdobramento do Eu, não como uma coisa colada ou externa, mas como uma realidade constitutiva, tendo em vista que sem alteridade não há unidade. Assim, teremos dois em um. Adenilton Tavares de Aguiar, ao estudar *Esaú e Jacó*, observando a construção do duplo, em várias esteiras, explica que

A noção de duplicidade do sujeito está presente na Filosofia, através da ideia de que tudo o que vemos é o desdobramento de um mundo que não vemos, de uma realidade que é representada de forma imperfeita pelo real imediato. Na Religião, a noção do duplo está presente na crença da existência de uma alma que sobrevive à morte do corpo, a qual é concebida pelas tradições religiosas em geral. Na Literatura, o duplo pode apresentar-se sob diversas formas. Seja através da sombra, que acompanha o indivíduo, mas não faz parte dele(...). O desdobramento do eu pode, ainda, apresentar-se sob a forma de irmãos — gêmeos ou não. A literatura apresenta alguns exemplos clássicos de duplos representados por irmãos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, entre outros<sup>1</sup>.

Para Aguiar, o desdobramento do eu, na Literatura, surge por sobre diversas nuances. E é justamente por isto que aqui nos interessa mostrar o duplo em forma de irmão gêmeo, de sombra. A história se dá, depois de a mãe consultar uma cabocla adivinha, e ter a certeza de que gêmeos nasceriam de seu ventre, de seu útero, e seu ninho-útero não teve mais quietude. Eram esbarrões e tremulações. Eles brigavam no ventre materno, evocando os irmãos bíblicos<sup>2</sup>. Nasceram no dia sete de abril de 1870. Neste dia, veio à luz um par de varões tão iguais, que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado.

Quando pequenos, distinguiam-se-lhes por uma fita de cor. Usavam medalhas de ouro, uma com a imagem de São Pedro, outra com a de São Paulo. Mesmo assim, a confusão não cedeu logo, ficando tal semelhança que

---

<sup>1</sup>AGUIAR, 2010, p. 12.

<sup>2</sup> Esaú e Jacó. *Bíblia Sagrada*.

os advertidos se enganavam sempre. A mãe é que não precisou de grandes sinais externos para saber quem eram aqueles dois pedaços de si mesma. Não é de admirar que “juntos, pareciam a mesma pessoa”. Cresceram e os desentendimentos se instalaram a todos os momentos por entre suas escolhas, seus estudos, suas políticas, e pela beleza da mesma moça, Flora Batista.

Os gêmeos não param de se odiarem. Todavia românticos, muito iguais fisicamente, enamoram-se de Flora, menina-moça de pouquíssima idade. Cada um, a seu modo, constrói um eu-indivíduo, através de uma jornada íntima, que caracteriza o termo junguiano, metanoia, ou seja, “mudança essencial de caráter, transformação, mudança, temperamentos, atitudes”. Paulo “tinha a nota aventureira do caráter” e Pedro “era a ordem [...] a estabilidade”<sup>3</sup> – constituindo-se, portanto, em duas metades de um mesmo ser – o duplo, monstros, por excelência. Mas monstros também se apaixonam.

O pensamento era constante, mesmo de longe, ela e eles. A rixa velha, que os desunia na vida, continuava a desuni-los no amor. Podiam amar cada um a sua moça, casar com ela e ter os seus filhos, mas preferiam amar a mesma, e não ver o mundo por outros olhos, nem ouvir melhor verbo, nem diversa música (...)<sup>4</sup>. Flora ainda não conhecia as doçuras do namoro, e menos ainda se podia dizer namoradeira de ofício. Ela apenas se lembrava dos gêmeos. Ela, muito romântica, ama indecisivamente ambos os gêmeos, um e o outro, nunca um sem o outro. Ama o duplo. Ama o monstro. Guinsburg afirma que

Os românticos procuram superar o quadro de sua indecisão e das contradições discernidas, por uma busca ansiosa de síntese integrativa, (...) um desejo de amor completo que talvez não seja possível em termos humanos<sup>5</sup>.

Nenhum deles, em seu romantismo, não conseguira dela se esquecer, nem mesmo quando saíram para as faculdades, ela não os perdeu de memória. Ao contrário, escrevia à Natividade para se fazer lembrada de ambos, e cada um dos dois gêmeos lia como se fosse para si. Também eles a escreviam nas cartas que mandavam à mãe da amada, com a mesma intenção

---

<sup>3</sup> ASSIS, 1999, p 176-77.

<sup>4</sup> ASSIS, 1999, p. 180.

<sup>5</sup> GUINSBURG, 2008.

duplicada e misteriosa, que a menina entendia muito bem. E ela citava uma frase do Fausto, de Goethe, “Ai, duas almas no meu seio moram!”. O mesmo que a mãe dos gêmeos dizia antes de eles nascerem.

Flora, indecisa, pensando em Paulo, queria saber por que é que o não escolhia para noivo, já que tinha uma qualidade a mais, a nota aventurosa do caráter. Inexplicável ou não, deixava-se levar pelos ímpetos do rapaz, que queria trocar o mundo e o tempo por outros mais puros e felizes. Tudo isso cumpriria a alma de Paulo, faminta de perfeição. Era um bom marido, em suma. Flora cerrou as pálpebras, para vê-lo melhor, e achou-o a seus pés, com as mãos dela entre as suas, risonho e extático. Paulo estava na mesma postura; mas, do lado da porta, metido na penumbra.

Logo, a figura de Pedro aparecia, não menos bela, mas um tanto triste. Flora sentiu-se tocada daquela tristeza. Pedro aproximou-se, a passo lento, ajoelhou-se também e tomou-lhe as mãos que Paulo apertava entre as suas. Paulo ergueu-se e sumiu-se pela outra porta. Talvez Paulo fosse bramindo de cólera; ela é que não ouviu nada, tão docemente vivo era o gesto de Pedro, já agora sem melancolia, e os olhos tão extáticos como os do irmão. Quando Flora o viu entrar e ajoelhar-se outra vez, ao pé do irmão, e ambos dividirem entre si as mãos dela, mansos e cordatos, ficou longamente atônita. Pedro e Paulo falavam-lhe ao mesmo tempo. Para ela eles eram um só corpo, uma só sombra, um só amor.

Assim, não conseguindo decidir-se entre um e outro pretendente, nem podendo sustentar, em equilíbrio, a situação ambivalente da não escolha, com “imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade, sobrepondo às cousas da vida outras de si mesmas”<sup>6</sup> – busca, no devaneio, no sonho e na morte (sonhada), a união impossível.

Como se vê, no texto de Machado de Assis, a busca romântica pela unidade da alma mostra-se improfícua, revelando uma visão cética contrária à visão otimista. Em consequência disso, o desejo de união amorosa leva imediatamente, nos românticos, a uma visão do amor impossível, mesmo que culmine na morte.

---

<sup>6</sup> ASSIS, 1999, p. 519.

Flora não se contenta apenas com a máscara exterior – a beleza e a sociabilidade de Pedro e Paulo –, nem se satisfaz somente com a paixão de ambos, não apenas revelando “a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo,” de que nos fala Alfredo Bosi (2000, p 84), como também desejando, ao mesmo tempo, os dois lados contrários da existência, em uma busca romântica. Dessa forma, Flora também se mostra presa ao movimento de ir e vir entre dois opostos. Deseja a ambos. Flora adoece de amor e morre. A morte amorosa, no dizer de Guinsburg<sup>7</sup>, passa a ser cultuada como “vias” da *unio*, da elevação à unidade suprema, alvo constante das buscas românticas.

Os gêmeos pensam em Flora, o que lhes disse no leito de morte. E já no cemitério, depois de disputarem a alça do caixão, ficam por último a fazer companhia àquela Flor que se fora, apenas fisicamente. Vejamos:

(...) Acudiu-lhes a ideia de um aperto de mão por cima da cova. Era uma promessa, um juramento. Juntaram-se e vieram descendo, calados. Antes de chegar ao portão, reduziram à palavra o gesto das mãos feito sobre a cova. Que juravam a conciliação perpétua.

— Ela nos separou, disse Pedro; agora, que desapareceu, que nos una. Paulo confirmou de cabeça.

— Talvez morresse para isso mesmo, acrescentou. Depois, abraçaram-se. Gesto nem palavra traziam ênfase ou afetação; eram simples e sinceros. A sombra de Flora decerto os viu, ouviu e inscreveu aquela promessa de reconciliação nas tábuas da eternidade. Ambos, por um impulso comum, voltaram os olhos para ver ainda uma vez a cova de Flora<sup>8</sup>.

A razão parece ser que o espírito de inquietação, que reside em Paulo, e o de conservação em Pedro. Seria Pedro águas mansas, mesmo sendo rocha? Talvez.

Depreendemos, neste recorte amoroso, que ocorre o fenômeno da metanoia, da mudança de comportamento, de arrependimento, de transformação dos gêmeos, uma vez que se percebe intensos fluxos de energia do (in)consciente fluindo em direção à consciência, trazendo novos conteúdos para a psique consciente e também reaproximando conteúdos reprimidos ou negligenciados no passado de ambos, com as disputas do dia-a-dia, para que possam ser elaborados e integrados pelo ego.

<sup>7</sup> GUINSBURG, 1978, p.276.

<sup>8</sup> ASSIS, 1978, p. 209.

Os gêmeos sempre têm um caráter múltiplo, pois necessitam de várias máscaras para viver, e assim a metanoia colabora para a apreensão e expressão da multiplicidade dos seus “eus”. Mudar é preciso, de dentro para fora, de verdade, ainda que na ficção.

Há um vasto labirinto que aprisiona Pedro e Paulo, dentro de si mesmos, uma vez que perderam a noção de suas identidades. Um se faz por causa do Outro. Um é a sombra do Outro. Esse processo mobiliza tanto crises como também desenvolvimentos emocionais. Os gêmeos Pedro e Paulo transformaram, mesmo que momentaneamente, e deram-se as mãos e selaram paz, durante um ano, apenas.

Jung (1988) cita um trecho bíblico em que Deus reprovando a ignorância (agnoia) dos homens, ou seja, a inconsciência, envia uma mensagem para a redenção da humanidade. A mensagem é *pantaspantachõnmetanoein*. Jung explica que a palavra *Metanoien* significa “mudar de mente” ou “mudar a maneira de pensar” e que a frase em sua tradução correta é “que em toda parte todos mudassem de pensar”.

A forma de o ser humano ser resgatado da inconsciência é pela mudança da maneira de pensar. Jung utiliza o termo “metanoia” para designar o processo ocorrido a partir da segunda metade da vida, que implica na mudança do mundo interno do sujeito. Já Cavalheiro<sup>9</sup> diz que metanoia é um corte. É neste corte que é possível o nascimento de uma nova identidade. O autor afirma ainda que “esse corte, a metanoia, produz angústia, depressão, pensamentos de morte, assim como perspectiva de liberdade, de planos de um novo renovador que muda o rumo de uma vida”. É assim que esperamos verificar e comprovar a metanóis em um dos gêmeos, pelo menos. Mas, como um é a sombra do outro, é o duplo que se instala e daí poderemos perceber a transformação, ou não de ambos, nunca de um só.

Dessa forma, é válido lembrar que a renovação, a maneira de pensar, de ver o mundo, a autoimagem e o autoconceito dos gêmeos não se apoiarão mais na relação do ego com o outro – a família, a sociedade, Flora, mas sim no diálogo do ego com o inconsciente., para não mais haver discórdia,

---

<sup>9</sup> CAVALHEIRO, 2008, p.88.

brigas, rivalidade. E daí, lembramos mais uma vez de Machado, que também usou o provérbio “Quando um não quer, dois não brigam”.

E as brigas cessaram por um ano. No aniversário da morte de Flora, ambos voltam ao cemitério para lhe presentear com coroas, cada uma mais bonita e particular, colocadas às escondidas, um se escondendo do outro, ainda aquela gostosa e leve paixão.....e a rivalidade novamente se instala.

## Referências

AGUIAR, Adenilton Tavares de. O mito do duplo nas Obras *Esaú e Jacó* e *Dois Irmãos*. *Acta Científica, Engenheiro Coelho*, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan/abr 2012.

ASSIS, M. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Ática, 1999.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CAVALHEIRO, F. Metanoia e História: conflitos e rupturas da meia-idade. In: *Metanoia e meia-idade: trevas e luz*. São Paulo: Paulus, 2008.

JUNG, C.G. Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. In: *Obras Completas*. Vol. IX. Petrópolis: Vozes, 1988.

RANK, O. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

SOUZA, Cristiane Rodrigues de. *Clã do Jabuti: uma partitura de palavras*. São Paulo: Fapesp, 2006.

Maria Generosa Ferreira Souto é doutora em Comunicação e Semiótica PUC/SP. Mestre em Letras: Estudos Literários /UFMG. É professora do Programa de Pós-graduação em Letras: Mestrado em Literatura Brasileira da Unimontes. Atua com as Literaturas Brasileira, Africanas, atuando principalmente nos temas da Semiótica da Paixão, da tradução intersemiótica, das mídias na educação, do imaginário, dos mitos, da identidade cultural, em narrativas do cinema e da literatura. Tem experiência como professora conteudista e formadora da Universidade Aberta do Brasil (UAB). E-mail: : generosas@hotmail.com